

DISCURSO DA VIGILÂNCIA NA ESCOLA
O caso do *Sorria você está sendo filmado*

Cristina Zanella Rodrigues
(UCPel)

RESUMO

A vigilância feita por câmeras filmadoras, encontrada em toda sorte de lugares, é fato constante na vida contemporânea devido à onda de violência que se alastra pelo mundo. Hoje é comum, no espaço escolar, o uso dessa tecnologia de poder que controla continuamente as ações dos sujeitos. Tendo por base teórica a Análise do Discurso proposta por Michel Pêcheux, que procura aliar num estudo as implicações históricas e ideológicas que se materializam através do discurso, busca-se mostrar como o controle e vigilância constantes sobre a corporeidade fazem parte das instituições escolares. O uso dessa tecnologia de poder cristalizada através do discurso, desencadeia práticas de coação que exercem um trabalho de manipulação sobre o corpo, impondo-lhe docilidade e submissão.

Neste estudo, procuro traçar um resgate histórico do enunciado *Sorria você está sendo filmado* relacionado ao acontecimento histórico referente ao surgimento dos equipamentos de captura de imagens (filmadoras e fotográficas). A partir daí investigo como se dá a reconstrução da memória discursiva nos enunciados específicos sobre vigilância e como se constroem as relações entre as condições de produção do enunciado e seus possíveis efeitos de sentido.

Palavras-chave: discurso, corpo, vigilância

A sociedade deste século XXI estremece diante dos acontecimentos que sucedem no mundo. Os recentes conflitos entre grupos étnicos, atentados terroristas como o de 11 de setembro, as guerras contra o Iraque, o Afeganistão, o Líbano, as investidas de narcotraficantes contra o Governo, as rebeliões nos presídios marcam, com tristes sinais, o crescente aumento da violência.

Os fatos que abalam o mundo são veiculados diariamente pela mídia como um espetáculo de desastres mostrados através de imagens e discursos. A exploração, o desrespeito aos direitos humanos, a indiferença quanto à miséria que se alastram globalmente são conseqüências de um sistema capitalista opressor. Esse sistema reforça as desigualdades sociais na medida em que opera sustentado num mercado de capitais cujo objetivo não é a distribuição da riqueza, mas sim a concentração dela na mão de poucos.

O processo de globalização também abarca um avanço tecnológico sem precedentes que se apresenta como um dos acontecimentos mais importantes da pós-modernidade. O progresso dos meios de transporte da informação é um dos “fatores técnicos da mobilidade” que se desenvolveu de forma consistente e possibilita que a informação possa viajar “independente dos seus portadores físicos – e independente também dos objetos sobre os quais informava: meios que libertaram os ‘significantes’ do controle dos ‘significados’” (BAUMAN, 1999, p. 21).

O surgimento da rede mundial de computadores, devido à velocidade com que transmite a informação, veio a desfigurar a noção de distância. Acontecimentos que acontecem do outro lado do globo chegam às nossas telas quase instantaneamente. As catástrofes mundiais são propagadas através de imagens que dão conta de dizer que o mundo vai mal. Assim, a globalização elimina as fronteiras da comunicação e possibilita que o sistema capitalista difunda o medo e a insegurança. De acordo com Guattari (2005, p. 34), a produção da subjetividade no sistema capitalístico se dá na medida em que este injeta representações nos indivíduos em escala internacional. Afinal, a elite se deu conta que a produção de subjetividade mostra-se mais importante do que o petróleo, ou a energia ou a produção industrial. Para Guattari,

Tudo que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia ou de significações por meio de enunciados significantes. [...] Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem maneira de ver o mundo. As sociedades “arcaicas” que ainda não incorporaram o processo capitalístico, as crianças ainda não integradas ao sistema, ou as pessoas que estão nos hospitais psiquiátricos e que não conseguem (ou não querem) entrar no sistema de significação dominante, têm uma percepção de mundo inteiramente diferente da que se costuma ter da perspectiva dos esquemas dominantes. (2005, p. 35)

Em verdade, o que opera no mundo atual é um processo que prima pela dominação subjetiva dos indivíduos como uma coletividade, ao mesmo tempo em que segrega espacialmente aqueles que não se “acostumam” com a ordem vigente. De um lado temos uma elite que goza do poder de movimentar-se, de outro uma grande maioria relegada a permanecer no espaço a ela destinada.

Não diz respeito aos objetivos deste trabalho fazer uma análise acurada da conjuntura atual. Mas é preciso não ignorar que o processo de globalização impõe conseqüências desastrosas porque traz consigo uma progressiva segregação espacial aliada à exclusão social.

Os efeitos disso, de acordo com Bauman (1999), é que a sociedade vivencia um período em que a mobilidade é o fator determinante no que tange à liberdade. Conforme este sociólogo, é a possibilidade de escolha em mudar-se que divide a sociedade entre aqueles que tem a liberdade de sair do lugar, na medida em que este deixa de servir aos interesses do lucro e tem suas riquezas exauridas, e aqueles que são fadados a permanecer no local, conformando-se com o que resta.

Essa distinção entre aqueles que são “globalizados” e os que são “localizados” vem a fortalecer a segregação. De um lado temos a elite que se protege atrás de muros, grades e sistemas de vigilância. De outro, existem aqueles que se restringem aos seus espaços marginalizados. A globalização, conforme Bauman, beneficia uns poucos e traz a miséria a outros tantos. E a manutenção da ordem está intimamente ligada à segregação espacial. Criam-se, então, espaços permitidos e espaços proibidos.

Fazendo uma análise dos espaços urbanos, Bauman acentua que

[...] esses espaços urbanos onde os ocupantes de diversas áreas residenciais podiam se encontrar face a face, travar batalhas ocasionais, abordar e desafiar uns aos outros, conversar, discutir, debater ou concordar, levantando seus problemas particulares ao nível de questões públicas e tornando questões públicas assuntos de interesse privado [...] estão rapidamente diminuindo em número e tamanho. Os poucos que restam tendem a ser cada vez mais seletivos – aumentando o poder das forças desintegradoras, em vez de reparar os danos causados por elas. (1999, p. 28)

O reflexo disso é que os espaços públicos cada vez mais extrapolam os espaços de produção privados. Neste caso, conforme Flusty (*apud* Bauman), o

[...] acesso é facultado pela capacidade de pagar... Aí reina a exclusividade, garantindo os altos níveis de controle necessários para impedir que a irregularidade, a imprevisibilidade e a ineficiência interfiram com o fluxo ordenado do comércio. (1999, p. 28)

Em nome da ordem, se selecionam os espaços permitidos e os proibidos e quais indivíduos são permitidos e quais são proibidos. A sociedade contemporânea frente a este aluvião de informações que atestam que o mundo vai mal, e frente a esse sistema de segregação espacial, clama por segurança.

A segurança é um dos bens mais preciosos que hoje tende a ser garantida na ausência de vizinhos com pensamentos, atitudes e aparência diferentes. A homogeneidade é buscada como refúgio ao desequilíbrio e à falta de ordem, na medida em que os membros da sociedade procuram fugir do contato com a diversidade que gera situações de incerteza. Cria-se, desta forma, um sistema no qual impera uma falta de habilidade em lidar com o outro. Em verdade, aquele que não faz parte do meu espaço, que não é semelhante a mim é temido. E por isso deve estar distante.

Para Bauman,

Os medos contemporâneos, os “medos urbanos” típicos, ao contrário daqueles que outrora levaram à construção de cidades, concentram-se no “inimigo interior”. [...] Bairros vigiados, espaços públicos com proteção cerrada e admissão controlada, guardas bem armados no portão de condomínios e portas operadas eletronicamente – tudo isso para afastar concidadãos indesejados [...].

Para tranquilizar as pessoas, ou melhor, para iludi-las de uma possível segurança são criados mecanismos de vigilância através de câmeras filmadoras, que controlam nossas ações através das imagens capturadas pelas lentes acopladas em inúmeros cantos de espaços nos quais transitamos. É o sistema do controle nos dizendo: vocês não precisam mais ter medo, nós estamos cuidando.

Essa ilusão de segurança manifestada através de mecanismos de vigilância, hoje feito pelas câmeras, já atingiu a escola. As câmeras presentes nas salas de aula, corredores, auditórios, sala dos professores dentre outros ambientes são reflexo de uma ideologia que impõe o uso de sistemas de vigilância para controle dos corpos e de suas ações no espaço institucional de aprendizagem.

A imposição do controle na atualidade é uma tentativa de garantir a segurança para uma sociedade que teme diante do perigo iminente de violência. E uma maneira de impor o controle é transformando o corpo em objeto manipulável. De acordo com Foucault, há muito o corpo vem sendo objeto de investimentos “imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”(2005, p. 118).

As câmeras de vigilância presentes no espaço escolar seriam, então, *modalidades instrumentais de poder* a serviço da *disciplina*, uma disciplina que tenta se impor com vias a tentar garantir a segurança mediante a alocação de cada um no seu devido lugar. Foucault nos esclarece que, “ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia nova, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos *olhares que devem ver sem ser vistos* [grifo meu]” (2005, p. 144).

Em existindo tal instrumento de vigilância e controle, é imprescindível que a instituição divulgue que instalou filmadoras nos espaços comuns da escola. Isso para deixar bem claro aos professores, alunos, pais, funcionários e administração que todos estão sendo observados cuidadosamente. Uma maneira de comunicar a presença de tal instrumento de observação é através do conhecido cartaz, geralmente acompanhado de um *Smile*¹, no qual se lê: *Sorria você está sendo filmado*.

A questão que aqui proponho refere-se à forma como a presença das câmeras de vigilância é anunciada para os integrantes da comunidade escolar. O objetivo deste trabalho consiste em fazer uma análise dos discursos sobre controle e vigilância do corpo no espaço escolar, tendo por referencial teórico a Análise do Discurso proposta por Michel Pêcheux.

No percurso proposto, procuro traçar um resgate histórico do enunciado *Sorria você está sendo filmado* relacionado ao acontecimento histórico referente ao surgimento dos equipamentos de captura de imagens (filmadoras e fotográficas). A partir daí investigo como se dá a reconstrução da memória discursiva nos enunciados específicos sobre vigilância, e como se constroem as relações entre as condições de produção do enunciado e seus possíveis efeitos de sentido.

O enunciado *Sorria você está sendo filmado* é reconhecido instantaneamente. As pessoas entendem, quando o vêem, duas coisas: a primeira é que estão sendo vigiadas por uma câmera filmadora; a segunda, que devem se comportar. E por que razão, então, as pessoas entendem a mensagem como um aviso para se comportar e não para propriamente sorrir? Quais pré-construídos transitam aí que estabelecem um falseamento do discurso do controle? Por que o uso do “sorria” ao invés de um “comporte-se”, ou um “cuidado” ou ainda um “atenção”?

¹ Assim desenhado: ☺

O que ocorre é que a instituição escolhe este enunciado por acreditar que ele não parece hostil à primeira vista. O termo *Sorria* remete para uma formação discursiva (FD) na qual predominam discursos de descontração, pois é extremamente comum alguém dizer “sorria” ou “xis” no momento de se tirar uma foto.

A formação discursiva é entendida por Pêcheux como aquilo que “determinada o que pode e deve ser dito”. Segundo o autor,

[...] as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seus sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (1995, p. 160)

O surgimento das máquinas fotográficas se configura num acontecimento que deu margem à criação de outras maneiras de deixar as pessoas “relaxadas” ou “descontraídas” no momento de posarem para uma câmera. Outras formas de se atingir o efeito desejado numa foto em que todos devem parecer felizes servem de possíveis paráfrases para o *sorria* do referido enunciado, como *diga xis* ou *olha o passarinho*, etc.

Conforme Achard, “a memória não restitui frases escutadas no passado mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase.” E a memória discursiva constitui-se num espaço móvel no qual operam deslocamentos e retomadas, por isso não podemos “provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo” (1999, p. 16).

A problemática da memória, para Pêcheux (1999, p.52), consiste em “saber onde residem esses famosos implícitos, que estão “ausentes por sua presença” na leitura da seqüência: estão eles disponíveis na memória discursiva como em fundo da gaveta, um registro oculto?”. É nesse viés teórico que se pretende compreender como a memória discursiva (re)constrói, nos enunciados acerca da vigilância e controle, especialmente no *Sorria você está sendo filmado*, as discursividades sobre a disciplina no contexto escolar.

Retomando a questão da FD, é importante anotar que não se pode pensá-la como um bloco homogêneo e fechado. Nela interagem discursos outros que remetem a outras FDs. Nela ocorrem posições-sujeito outras que tomam o mesmo caminho. Assim, é a “ideologia [...] juntamente com o sujeito, que é tomada como princípio organizador da formação discursiva”, como explica Indursky (2005, p.4).

Assim, concomitantemente, o enunciado analisado leva a uma FD em que prevalece o discurso da vigilância e na qual o sujeito entende que não é para ele sorrir, mas sim para comportar-se consoante a ordem vigente. Nesse sentido, pode-se dizer que ocorre aí um falseamento do discurso da vigilância, na medida em que o enunciado carrega consigo e extravasa efeitos de sentidos que dissimulam o controle amenizando a maneira de informar que o corpo é vigiado e controlado.

Podemos, então, dizer que as posições-sujeito de que se trata nesse contexto de vigilância no espaço escolar fazem parte de uma FD na qual são dominantes os discursos da disciplina, da segurança, do medo que remetem para uma formação ideológica (FI) coadunada com o sistema capitalista global, na qual o processo de subjetivação se impõe através de mecanismos que visam ao assujeitamento.

No caso em tela, a escolha dessa formulação para infundir o controle, produz efeitos de sentidos relacionados com aquilo que, conforme Orlandi, “fala antes, em outro lugar, independentemente”. Esse saber discursivo torna possível todo o dizer e retorna sob a forma de pré-construído. É aquilo que se denomina interdiscurso, ou seja, aquilo que “disponibiliza

dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (2003, p.31).

Esse conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o dizer possibilita compreender o funcionamento dos processos discursivos e sua relação com o sujeito e a ideologia. Para a AD, existem duas formas de esquecimento que operam na constituição dos sujeitos e dos sentidos. O chamado esquecimento nº 2 é da ordem da enunciação e opera fazendo com que o sujeito acredite que, ao falar, só pode fazê-lo daquela maneira e não de outra. O esquecimento nº 1, que é da ordem do inconsciente e também chamado esquecimento ideológico, é o que possibilita ao sujeito ter a ilusão de ser a origem daquilo que diz. Os sentidos, portanto, são originados na maneira como nos inscrevemos na língua e na história. Conforme Pêcheux (1995, p.160), o sentido não existe em “si mesmo”; ao contrário, ele é determinado pelas “posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”.

Entretanto, é um equívoco pensar que esses esquecimentos, fruto da instância ideológica, fazem desaparecer aquilo que foi apagado. De acordo com Pfeifer (2005, p.168),

[...] pensar em termos de esquecimentos, de apagamentos, não implica em aniquilamento, em desaparecimento. Para se dizer é preciso esquecer e é preciso apagar. Eis aí o trabalho do interdiscurso em sua intrincada relação com as Formações Ideológicas: o processo de sustentação (o *pré-construído* – isto fala, antes, em outro lugar, independentemente) e o sistema de evidências de significações (o apagamento do processo de constituição de sentidos). [...] Escapa ao sujeito a produção dos sentidos, mas escapa também onde o ritual desta produção falha.

O sentido aparece na relação do sujeito com a língua, na qual se inscreve a história. “O gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso), podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos.” (ORLANDI, 2003). A reconstrução da memória discursiva nos enunciados sobre vigilância no contexto escolar opera nesse deslocamento. Os cartazes afixados nas paredes das escolas, que remetem para o controle constante sobre a corporeidade, trazem consigo efeitos de sentido que são reconstruídos historicamente. Ao “mesclar”, num mesmo enunciado, os efeitos de sentido de um momento de descontração reconstruídos a partir da memória aos do discurso da vigilância, tal enunciado acaba por servir ao processo de assujeitamento, feito de forma dissimulada, tão caro à ideologia capitalista.

Além disso, a partir de uma análise do enunciado *Sorria vocês está sendo filmado* encontramos o primeiro verbo no imperativo afirmativo, ou seja, modo verbal que encerra idéia de ordem. Mais que isso, o uso do verbo *sorrir* pode estar antecipando e tentando suspender uma reação adversa por parte de quem está sendo filmado. Em verdade, o que realmente espera-se provocar não é um sorriso, mas sim um “bom” comportamento. O imperativo, nesse sentido, mesmo estando presentificando a ação, tem valor de futuro porque ele exprime uma ação que está por realizar-se, reforçando a idéia de ação continuada. Uma ação continuada que reforça o processo de assujeitamento do corpo.

Uma outra forma de informar que o espaço está sendo monitorado por câmeras de vigilância, encontrado em outros espaços inclusive no escolar, é o cartaz que diz: *Para sua tranquilidade e segurança estamos filmando*. Ora! O efeito de sentido advindo deste enunciado é diferente do *Sorria você está sendo filmado*. Em verdade o objetivo é o mesmo: informar que no ambiente estão presentes câmeras filmadoras para observar as ações dos sujeitos. Entretanto, a forma escolhida apresenta outra configuração. Aqui, a instituição

prefere informar as razões pelas quais o espaço é controlado pelo olhar das câmeras, no caso, é para a tranqüilidade e segurança de quem é observado.

Porém, como já se disse anteriormente, é uma ilusão de segurança. A câmera por si só não impede o ato de violência, ela é um instrumento inibidor de atitudes. A instituição não tem como efetivamente garantir que a ordem será mantida pelo fato de instalar em seu espaço tais tecnologias. A garantia de segurança implícita pelo enunciado serve para lembrar que a violência ronda os espaços. O aviso não deixa a sociedade esquecer que se vive em constante insegurança.

A segurança de que trata o cartaz é para o cidadão comum que não está disposto a agir destoante da lei. É para ele que a instituição informa que instalou um sistema de vigilância e controle que observa sub-repticiamente os movimentos do corpo. Em verdade, o efeito de sentido que opera é de justificativa. A escola pretende justificar, na medida em que informa o motivo, o uso dessa modalidade instrumental de poder a serviço da disciplina.

Já foi dito anteriormente que a imposição do controle, nos dias de hoje, é uma tentativa de garantir a segurança para uma sociedade que teme diante do perigo iminente de violência. Ao informar que é *para a tranqüilidade e segurança do cidadão comum* que as câmeras de vigilância estão monitorando o ambiente, a instituição reconhece que interfere na privacidade dos sujeitos. O implícito que aí opera é que a instituição admite que invade a privacidade alheia ao filmar continuamente os corpos nos espaços, mas por motivos “de força maior”, ou seja, para “manutenção da segurança” no local, o sujeito tem que abrir mão de um direito individual em prol de um bem maior, que seria a segurança de todos.

Dito isso, uma possível paráfrase do *Para sua tranqüilidade e segurança estamos filmando* seria: *justifica-se o uso de câmeras de vigilância para controle dos corpos, desrespeitando o direito a privacidade, porque vivemos em constante medo da violência*. Tal posição-sujeito remete também para uma FD na qual impera um discurso sobre a vigilância dos corpos. Semelhante ao que ocorre com o *Sorria*, é uma forma não tão hostil de informar sobre a presença de câmeras, entretanto não opera com mesmo efeito de sentido de falseamento. Isso ocorre porque a mensagem procura ser mais direta, informando as causas de se observar e controlar as ações dos sujeitos. A justificativa dada pela instituição reforça o processo de assujeitamento, uma vez que a situação gerada pela ideologia capitalista transparece a idéia de que não existe alternativa que não a de vigiar para impor a disciplina e assim garantir a segurança e a manipulação do medo.

Os enunciados aqui analisados remetem para uma discursividade perfeitamente harmonizada com a ordem mundial que difunde o medo a fim de instaurar um processo de docilização dos corpos e de produção de subjetividades cada vez mais dependentes do consumo. A forma como a presença de câmeras filmadoras em diferentes espaços destinados ao ensino e aprendizagem são anunciados reforçam a idéia de que a ordem capitalista cria representações, fabricando modos de relações humanas no que tange ao controle da corporeidade nos espaços destinados à aprendizagem. Tal procedimento é aceito como natural, porque advém do pressuposto de que esta é a única ordem possível no mundo, que não pode ser alterada sob pena de impregnar a tão almejada vida social organizada. O discurso da vigilância acaba por cristalizar, através do discurso, práticas de coação que exercem um trabalho de manipulação sobre o corpo, impondo-lhe submissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHARD, Pierre (et al.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas/SP: Pontes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. História da violência nas prisões. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.
- INDURSKY, Freda. *Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?* In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso. O campo da análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites, 2., 2005, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/freda.pdf>>. Acesso em 12 de novembro de 2005.
- ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso. Princípios & Procedimentos*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi. 2ª ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- _____. *O discurso. Estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. 3ª ed. Campinas/SP: Pontes, 2002.
- _____. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise e HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997. (p. 163-252).
- PFEIFER, Cláudia C. O fogo que desengessa e mobiliza – uma entrada na obra de Michel Pêcheux. In: YNDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina L. (Org). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005 (p. 167-172).